

Revista

HOSPITALIDADE

e-ISSN 2179-9164

V. VIII, número 1 - Junho 2011

A HOSPITALIDADE EM SENTIDO AMPLO COMO FATOR DETERMINANTE PARA A PERMANÊNCIA DE IMIGRANTES. UM ESTUDO DE CASO COM PESSOAS PROVENIENTES DA ALEMANHA

HOSPITALITY IN A BROAD SENSE AS CRUCIAL FACTOR FOR STAY OF IMMIGRANTS. A CASE STUDY WITH PEOPLE FROM GERMANY

HOSPITALIDAD EN UN SENTIDO AMPLIO, COMO FACTOR CRUCIAL PARA PERMANENCIA DE LOS INMIGRANTES. UN ESTUDIO DE CASO CON GENTE DE ALEMANIA

Margarita Barretto¹
Viviane Machado Saragoça²

RESUMO: O estudo detecta que imigrantes chegados à região do Vale do Itajaí (SC) na segunda metade do século XX optaram por ficar na região devido, fundamentalmente, às condições de acolhimento percebidas. Foram realizadas doze entrevistas em profundidade, onde os sujeitos de pesquisa contaram suas histórias de vida assim como suas motivações para permanecer na região e foram entrevistados informantes chave que relataram as motivações de mais de duzentas pessoas. O material foi analisado qualitativamente, concluindo-se que a opção deveu-se à existência de um ambiente

1 - Doutora em Educação pela Universidade de Campinas – UNICAMP. Bacharel em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Pesquisadora do CNPq. Docente do Programa de Pós Graduação em Administração da Fundação Universidade Regional de Blumenau - FURB e do Programa do Pós-Arq da UFSC.

2 - Graduada em Turismo e Lazer e Especialista em Gerenciamento Executivo de Marketing-MBA pela Universidade Regional de Blumenau – FURB. Mestranda em Administração pela FURB. vmachado@furb.br.

favorável a realizações pessoais, no que coincide com a *amenity migration* e leva a pensar a hospitalidade dentro de um conceito mais amplo.

PALAVRAS-CHAVE: Hospitalidade. Imigração. Alemanha.

ABSTRACT: Migrants arrived at Vale do Itajai (SC) during the second half of 20th century made their option to stay there due to the perception of a hospitarian environment. Twelve in-depth interviews were conducted in search of life histories and motivations to stay and also key informants were selected who could tell about the motivations of two hundred people. The interviews were analyzed with quality patterns and the conclusion is that the decision to stay was due to the existence of some special environmental features which meant the possibility of personal achievements, as found in amenity migration research and leads to think hospitality in broader terms.

KEYWORDS: Hospitality. Immigration. Germany.

RESUMEN: Se estudian inmigrantes que llegaron a la región del Vale do Itajai (SC) en la segunda mitad del siglo XX y que optaron por quedarse debido a las condiciones de recepción que tuvieron. Se realizaron doce entrevistas en profundidad, donde los sujetos contaron sus historias de vida y su motivación para permanecer en la región. El material fue analizado de forma cualitativa llegándose a la conclusión de que la opción fue debido a la existencia de un ambiente propicio para sus realizaciones personales, en lo que coincide con la *amenity migration* y lleva a pensar la hospitalidad en un sentido más amplio.

PALABRAS CLAVE: Hospitalidad. Inmigración. Alemania.

O CONTEXTO

A cidade de Blumenau, localizada no interior do Estado de Santa Catarina, Brasil, recebeu muitos imigrantes alemães no século XIX, e após a Segunda Guerra Mundial.

Os imigrantes que vieram na segunda metade do século XX, diferentemente dos primeiros imigrantes, que vinham para América com quase nenhuma possibilidade de retorno, tinham opções e, de fato, muitos voltaram para Alemanha por certos perí-

odos de tempo. Trata-se de pessoas que migraram por vontade própria sem estarem forçados pelas circunstâncias, um novo tipo de migração conhecido como *amenity migration* (NAKAYAMA; MARIONI, 2007), que se encontra em expansão no mundo inteiro, e que poderia ser traduzido (de uma forma muito livre), como migração por conforto. A palavra *amenity* significa “algo que dá prazer, conforto”, ou fator, também, de atratividade. Estes migrantes contemporâneos mudam de país ou de região, indo para regiões cujo fator de atratividade é a possibilidade de maior conforto e de maior prazer no cotidiano.

Tendo estudado durante os últimos dez anos várias questões em torno da imigração de alemães em Blumenau, percebeu-se que havia um componente importante para a decisão, tomada por estas pessoas, de ficar no Brasil, um fator de atratividade que os entrevistados chamavam de “condições mais humanas de vida”. Procurando-se um marco teórico para explicar cientificamente este fato, chegou-se a um conceito ampliado de hospitalidade, que transcende o “bem receber” por parte dos indivíduos; trata-se da existência de um ambiente que propicia condições que permitem que a pessoa se sinta acolhida e realize seus projetos de vida, um ambiente que poderia ser definido como confortável onde a pessoa teria o prazer de ver seus projetos realizados.

ASPECTOS SOCIOCULTURAIS DA HOSPITALIDADE

Tratar-se-á aqui da hospitalidade não comercial e também da comercial. Por hospitalidade não comercial entende-se aquela tradicional que acompanha a história de grande parte da humanidade conforma pesquisas etnográficas e análises de textos históricos.

Por hospitalidade comercial entende-se aquela praticada a partir do surgimento de modalidades de remuneração aos serviços de hospedagem e alimentação de viajantes.

O conceito de hospitalidade é muito amplo. Para Grinover (2009, p.26) a hospitalidade é “fundamentalmente o ato de acolher e prestar serviços a alguém que por qualquer motivo esteja fora do seu local de domicílio”, assim como dar conforto, permitir qualidade de vida (GRINOVER, 2009, p. 40).

Pode-se dizer que a hospitalidade é uma forma de reciprocidade, contida dentro do que Mauss (2003, p. 276) designou como economia da dádiva. Economia porque

a dádiva pressupõe reciprocidade, retorno, até inclusive nos casos em que a dádiva é um sacrifício, pois os seres humanos estão negociando com os deuses (CAILLÉ, 2002, p. 189-203).

Consultando o trabalho seminal de Mauss (2003) podem-se ver os atos de dádiva e reciprocidade, com caráter ritual ou utilitário, estão presentes em muitos povos que, quando pesquisados por antropólogos (fundamentalmente Malinowski na Polinésia e Franz Boas na região noroeste de América do norte), apresentavam o hábito da troca de objetos e gentilezas que utilizavam como uma espécie de moeda. Também Mauss se refere às trocas de presentes entre os povos hindus, celtas, chineses, melanésios e germânicos (MAUSS, p. 265-293). Um poema escandinavo abre seu ensaio, com muitas estrofes reiterando a importância de dar e receber, de receber e retribuir, que pode ser condensada nos versos “os que se dão mutuamente presentes/são amigos por mais tempo” (HAVAMÁL apud MAUSS, 2003, p.186).

Entre os Ngarinyin, aborígenes do noroeste da Austrália, existe o *mangarri*, definido como partilha de alimentos conectando hospitalidade e respeito entre parentes (GWION GWION, 2000, p. 323) Estes tributos deviam ser oferecidos pelos visitantes ao chegar à “região clânica”. (op cit: p. 304)

Um casamento Maori, em Nova Zelândia, relatado pelo Cap. Albert E. Davidson, (TE MANUWIRI, 1907) mostra a importância de dar uma festa com abundância para manter o prestígio dentro da sociedade. Conta o autor que havia mais ou menos 500 pessoas e foram oferecidos cem porcos, trinta ovelhas, abundância de enguias e outros peixes, trinta toneladas de batatas, cinco canoas cheias de pão (só para citar os itens mais importantes enumerados pelo autor) e bebida em quantidade tal que “poderiam nadar nela” (TE MANUWIRI, 1907, p. 148). Também o componente simbólico de oferenda, quando a noiva, vestida em sedas, arregaça as mangas para fazer um gigantesco pudim de ameixas para os convidados. (idem, p.151)

Em Sulawesi, Indonésia é obrigação oferecer abrigo e refeições (na verdade banquetes cerimoniais onde são oferecidos porcos e animais de caça) às pessoas que participam de um funeral (CRYSTAL, 1989, p. 148-149)

Um percurso pela história de América do Sul, que pode ser visto em inúmeros livros didáticos e em farta iconografia revela que espanhóis e portugueses foram recebidos com presentes pelas populações nativas dos lugares em que aportaram.

Os guaranis receberam os espanhóis durante a festa da colheita, pensando que com isso eles sentir-se-iam obrigados a trabalhar até a próxima colheita. O imperador azteca Moctezuma não quis ver o rosto de Cortez porque isso implicava aceitá-lo (DUSSEL, 2009).

Também pode ser constatado que, entre as tribos do Brasil, é ainda comum a troca de presentes existindo até uma palavra para o ato entre os indígenas da Amazonia (ATHIAS, 2000): *dabucuri*

A reciprocidade, embora no sentido de castigo, aparece muito claramente já no Código de Hamurábi, datado em 1692 a.c, especificamente na conhecida Lei do Talião, simbolizada pela frase “olho por olho”.

A hospitalidade estudada por Rapoport (2004) no continente africano, na atualidade, sinaliza para o papel de receber hóspedes na obtenção de status social. De acordo com o autor, em vários países da África, observa-se a presença de hóspedes com algum parentesco, e isto praticamente em metade dos lares pesquisados (RAPOPORT, 2004, p. 182). Poucos dos hóspedes trabalham, portanto pouco aporta à economia, o que leva o autor estudado, e outros pesquisadores que o mesmo cita, a inferir que a hospitalidade é uma forma de redistribuir a riqueza, um ato de altruísmo que permite que a riqueza de alguns seja tolerada pelos outros membros da sociedade (RAPOPORT, 2004, p. 191)

Neste caso, que está sendo obtido com a hospitalidade não é dinheiro, mas é a tolerância. Em outros casos, especificamente na hospitalidade proporcionada às mulheres, os pesquisadores observam a troca direta de hospedagem por serviços domésticos (RAPOPORT, 2004, 196-197). De qualquer forma, trata-se de uma negociação, de uma troca.

Na mitologia grega existe a deusa da hospitalidade, Hestia, (Vesta na mitologia romana) cuja função era ser uma espécie de anfitriã perpétua, sempre cuidando de que os deuses quando chegassem à sua morada tivessem todo o necessário para seu bem estar. Estava associada diretamente a Hermes (Mercúrio na mitologia Romana) que era o deus das viagens. (HOMERO, 1946, p. 645-647)

Em mais de trinta trechos do Velho Testamento aparecem referências à hospitalidade; há referências ao tema no Genesis, no Êxodo, no livro de Job, no Deuteronômio, no

livro de Ruth, só para citar alguns dos mais conhecidos. No Novo Testamento também aparece no livro dos Romanos, de Pedro de outros apóstolos.

Em muitas religiões existe a menção do prêmio à hospitalidade. Um santo ou um deus que descem à terra, fantasiados de mendigos, e recebem hospitalidade de pessoas simples, às quais depois recompensam com um templo. Na mitologia Guarani, Tupã –deus do trovão- desce à terra e se faz passar por um andarilho. Acolhido por uma família, deixa-lhes como presente a árvore da erva-mate (BARRETTO, 1998)

De acordo com Zeldin (1996, p. 385-386) na China, no Grande Plano elaborado três mil anos antes de Cristo estava prevista a distração dos convidados entre os objetivos supremos do governo. Na Irlanda o Rei Guaire de Connaught no século VII chegou a ter 150 poetas hospedados nas suas terras, onde construiu um prédio especialmente para eles. No século XVI quando um missionário europeu chegava a Nagasaki (Japão) hospedavam-no num templo budista e havia três noites de banquetes. Na Albânia, se alguém fazia dano a um hóspede, o anfitrião tinha a obrigação de vingá-lo. Nas leis indianas aparece, como um dos sacrifícios diários, “a adoração dos homens, oferecendo-lhes hospitalidade”.

No deserto árabe, aquele que vem do horizonte pedindo ajuda, é sagrado (DUSSEL, 2009, p. 168)

Os Romanos eram hospedados em casa de amigos; somente pagavam hospedagem aqueles que não tinham linhagem. No século VIII Carlos Magno mandou construir pousadas para peregrinos e durante toda a idade média as casas da realeza e da nobreza atendiam centenas de convidados a cada refeição (DIAS, 1990).

A hospitalidade na Inglaterra, no século XII era cultivada como uma forma de mostrar “boas maneiras” - as outras sendo o controle das emoções em público, assim como dos gestos e da conduta à mesa-. Reflexos de muitos destes hábitos podem ainda ser vistos na atualidade razão pela qual vale a pena um detalhamento.

O recebimento pareceria ter como base as normas beneditinas de receber com honras e até procissões os monges importantes (KERR, 2007, p. 133). O bem receber incluía, entre outras coisas, ajudar a tirar as botas do recém chegado, conforme a ocasião ajudar a lavar os pés, e emprestar uma capa do senhor do castelo como forma simbólica de mostrar confiança. A hospitalidade era devida até as pessoas que foram outrora

inimigos. Não somente hospitalidade, mas também proteção. Era motivo de grande vergonha que acontecesse alguma coisa a um hóspede (KERR, 2007, p. 139). Mas esta proteção não era indefinida em casos de pessoas que tinham cometido algum delito; se havia uma pessoa nesta situação no terceiro dia já devia ser denunciada. (KERR, 2007, p. 143)

A saída do hóspede estava também regulada; este devia pedir permissão para continuar viagem e o anfitrião mostrava tristeza e pedia que ele ficasse mais tempo. Nisto havia um ato simbólico indicativo do desejo de estabelecer laços. (KERR, 2007, p. 140)

Alguns nobres cavalgavam ao encontro dos seus hóspedes, para escoltá-los até a casa ou, também os escoltavam de volta quando partiam ocasião em que também lhes davam provisões para o caminho. (KERR, 2007, p. 141)

De passagem, mostravam seus domínios, o que é indicativo da dialética da hospitalidade, que, ao mesmo tempo é uma forma de ostentação, como será discutido a seguir.

Também estava claro nas normas de hospitalidade que esta tinha que ser retribuída, ou com presentes ou com serviços próprios ou de outrem, ou ainda com a promessa de hospitalidade na sua casa. Se o hóspede era considerado santo, a retribuição devia ser um milagre (KERR, 2007, p. 144)

Na Escócia as normas de hospitalidade eram ligeiramente diferentes. Não havia cerimônias de recepção e simplesmente a porta estava aberta para todos (KERR, 2007, p. 138)

As normas de hospitalidade dos Beduinos obrigavam a que eles hospedassem até seus piores inimigos (PITT RIVERS apud KERR, 2007, p. 139)

Analisando as obras de Aristóteles, encontra-se a hospitalidade como valor importante na sociedade grega. De fato, era parte do direito. A figura do *proxeno*, aquele que recebia os estrangeiros na Grécia antiga pode ser considerada o máximo da hospitalidade; uma pessoa encarregada de acolher os forasteiros e lavar os pés, símbolo que depois seria tomado pelo cristianismo como ato de devoção ao próximo.

Nesta terceira vertente da hospitalidade, a jurídica, Kant (1958), pensando no que seria o ideal da hospitalidade a partir do direito público, elaborou sua teoria do cosmopolitismo como uma situação capaz de conduzir a um estado de paz perpétua entre as nações. Ele entendia que desde que a terra era de todos, os estrangeiros deviam ter, no

mundo inteiro, direito à hospitalidade, ao acolhimento, a serem tratados pacificamente e não como inimigos, a interagir com a população (visitada).

Derrida tenta avançar neste paradigma, dizendo que a hospitalidade (do ponto de vista do direito) implicaria não apenas permitir a permanência, mas aceitar o estrangeiro incondicionalmente em sua condição de estrangeiro (*strangeness*) e o forasteiro em sua condição de tal (*foreignness*) (BAKER, 2010, p.88; JAMUR, 2008, p. 15). A ética da hospitalidade proposta por Derrida propõe que o outro seja tolerado na sua alteridade, que não seja forçado à assimilação, - que acaba sendo outro tipo de violência-. (BAKER, 2010, p. 91). Mas por outro lado, entende que os estados devem, no caso do asilo e dos refugiados, fazer uma seleção a fim de preservar a soberania e a cultura (FARRIER, 2008). Em uma palavra a hospitalidade proposta por Derrida é um ato de boas vindas incondicional que, no entanto, para funcionar, tem que transformar-se em condicional (BAKER, 2010, p. 87)

Dentro do marco mais amplo da dádiva, de acordo com França Filho e Dzimira, (2004, p. 153) para Derrida só pode haver dádiva se não é consciente, porque havendo consciência, há expectativa de retorno. Os mesmos autores interpretam que para Bourdieu a dádiva é uma “mentira de boa fé”, desde que aquele que dá, esconde de si próprio o interesse pela recompensa; é uma troca de capital mesmo que seja simbólico. No entanto França Filho e Dzmira (2004, p. 155-156) defendem a posição de outros filósofos que consideram que a dádiva é antiutilitária, antiacumuladora e antiequivalente, desde que os objetos dados se trocam pelos seus significados simbólicos e pela vontade de estabelecer vínculos.

Exemplo concreto desta situação é o costume esquimó de trocar esposas. Este ritual ancestral praticado até passada a metade do século XX tem como principal escopo estabelecer laços de parentesco entre os clãs. As esposas emprestadas geram filhos com os membros do outro clã, e com isso garante-se a solidariedade e a não beligerância entre os mesmos. Dentro dos clãs, a troca de esposas permite criar laços com membros de um *status* superior (HENNIGH, 1970)

O assunto não será mais desenvolvido desde que não é o escopo deste artigo desvendar a dádiva, apenas refletir em base às discussões apresentadas. Parece não uma explicação verificável para o fato de que a troca de presentes e atenções, a reciprocidade, seja encontrada em praticamente todos os povos do mundo. Pode haver apenas

especulações. Uma destas é que se trata de um tipo de proto comércio, onde se dá para receber. Outra, de que se trata de uma forma de sacrifício, ou de obrigações fundamentadas numa “visão cósmica baseada no princípio de uma circulação eterna das formas vivas” (GOLDMAN 1975:124 apud GODBOUT, 1999:160). No entanto, de acordo com este último autor, apesar de haver muitas interpretações sobre a mesma “A maioria dos autores que escrevem sobre a dádiva é acorde em rejeitar a gratuidade” (GODBOUT, 1999, p.113).

Partindo do pressuposto teórico de que a hospitalidade é uma forma de reciprocidade dentro do marco da dádiva, de que esta pode ter um componente moral, mas também tem um componente de interesse econômico (trocas ou com o sobrenatural ou com os pares), entende-se que o conceito de hospitalidade pode ser ampliado para incorporar não somente o “bem receber” por parte da população, dos pares, dos membros do mesmo grupo étnico. Retoma-se, portanto Grinover (2009, p. 25) que conceitua hospitalidade como “aquilo que permita a “Interação satisfatória entre a cidade e as pessoas estranhas que nela se movimentam, segurança, conforto fisiológico e psíquico, por meio de estruturas físicas e culturais” o que permite incorporar hospitalidade comercial em todas as suas formas institucionais, da hotelaria aos ancianatos, passando pelos serviços que proporcionam bem estar no âmbito doméstico.

Partindo deste arcabouço conceitual, será analisada a importância da hospitalidade (neste sentido amplo) para a permanência dos imigrantes chegados a Blumenau entre as últimas décadas do século XX e a primeira do século XXI.

METODOLOGIA

Dando seqüência a uma série de pesquisas que começou com estudos de patrimônio em Blumenau (BARRETTO, 2003; BARRETTO, 2005), foram realizadas entrevistas em profundidade para registrar a história de vida de vinte pessoas que migraram da Alemanha para Blumenau no século XX, com um objetivo que não era estudar hospitalidade e sim comparar a experiência migratória em função dos avanços da tecnologia (pesquisa inédita financiada pelo CNPq entre 2007 e 2009). Para localizar estas pessoas, foi feito um contato com o Consulado Honorário da Alemanha em Blumenau, onde há registrado “aproximadamente três mil alemães” (o dado foi fornecido desta forma)

que moram no Estado de Santa Catarina. Por questões éticas o consulado não forneceu o nome destas pessoas o que não foi de muita ajuda para a finalidade da pesquisadora, que era entrevistar a maior quantidade possível de sujeitos com estas características. Um dado, porém interessante, surgiu das conversações com o antigo Cônsul, a informação de que nos últimos quinze anos muitos aposentados alemães solicitaram visa de residentes permanentes e se instalaram na região do Vale do Itajaí. O motivo alegado foi, sempre de acordo com o informante, que com a aposentadoria da Alemanha poderiam ter uma melhor qualidade de vida, poderiam comprar uma pequena casa, morar num lugar cálido em todo sentido e pagar quem os cuidasse na velhice, coisa impensável na Alemanha em se tratando de classe média.

Este dado ficou no diário de campo e veio ser muito relevante quando, analisando as entrevistas feitas com a cadeia que foi possível constituir, - fundamentalmente a partir de alunos e ex-alunos de origem alemã-, percebeu-se que havia uma grande ênfase na questão da forma em que estes imigrantes contemporâneos tinham sido recebidos, no Brasil de um modo geral, e em Blumenau em particular.

Assim sendo, decidiu-se fazer um trabalho analisando a migração dos últimos trinta anos sob este último aspecto, dentro do marco da hospitalidade, para o qual se encontrou suporte dentro do referencial da recente *amenity migration*.

A pesquisa constituiu um desafio desde que, em primeiro lugar, não há como ter acesso ao número exato de imigrantes alemães através do consulado porque esta instituição somente tem registro das pessoas que utilizam os seus serviços para realizar alguma tramitação. Para se ter os dados seriam necessários uma pesquisa na Polícia Federal, o que exigiria uma longa tramitação e solicitação de autorização em Brasília, o que não se justificava para o escopo deste trabalho. Como já foi dito, tem sido muito difícil, em dois anos de pesquisa, encontrar pessoas dispostas a conceder entrevistas, mesmo com recomendação do consulado e/ou de outros entrevistados, e entendeu-se que a intervenção da Polícia Federal poderia ser contraproducente, pois poderia criar um clima de tensão ou de receio.

Embora não se trata de uma comunidade no sentido territorial, desde que não moram mesmos bairros e tampouco na mesma cidade, constituem uma minoria étnica, utilizando aqui o termo minoria que, conforme Nancy (1993), lembra as dimensões étnica, religiosa ou lingüística, com consciência coletiva, o que pode justificar uma

certa resistência a serem entrevistados, sobre tudo por pessoas que não têm a mesma origem étnica.

Neste sentido, várias correntes da antropologia ligadas a minorias defendem, há anos o engajamento do pesquisador. Os trabalhos de Oscar Lewis (1985) e Sidney Mintz (1984) parecem constituir a inovação na questão do distanciamento, que permeou a antropologia na primeira metade do século XX, enfatizando a importância dos laços criados com seus sujeitos de pesquisa. Os referidos autores, já na década de 1950, defendiam o envolvimento emocional com os sujeitos de pesquisa. Mintz, quando realizou sua tese em Porto Rico, e ele tem certeza que foi sua amizade com o informante que possibilitou o trabalho. O trabalho de Lewis, originalmente publicado em 1959 também defende a imersão total na cultura em lugar do distanciamento,

Desta forma, entende-se que o número de entrevistados não constitui uma porcentagem representativa desta minoria étnica em questão e que, portanto, os resultados que aqui se apresentam não podem ser analisados do ponto de vista quantitativo, desde que não há números significativos.

Dentro das possíveis abordagens qualitativas, escolheu-se trabalhar com pesquisa não participante, recolhendo relatos de vida mediante entrevistas em profundidade. Esta é uma abordagem dentro do marco mais amplo da História Oral (QUEIROZ, 1988) e não é a mesma coisa que a história de vida (BERTAUX, 1980)

A pesquisa participante prevê a participação em atividades, a convivência, até o engajamento político em alguns casos (THIOLLENT, 1992), portanto foi escolhido o modo não participante. A história de vida é um método de procedimento, ou uma abordagem metodológica, orientada à construção de uma biografia e requer, em determinado momento, documentos probatórios.

Já o relato (ou *récit de vie*) consiste em versões subjetivas de fatos da própria vida do sujeito, que conta suas vivências, motivações e visão de mundo. Não se interpretam ou se julgam seus relatos; aceitam-se e reflete-se sobre “o sentido que os sujeitos deram aos fatos do passado e à situação presente” (BERTAUX, 1990, p. 213). É um tipo de pesquisa na qual se deve ter o cuidado com as perguntas, desde que a motivação é da alçada da psicologia e se as questões não forem bem formuladas, o cientista social

pode entrar numa situação de pesquisa da qual seja difícil sair, mais no caso de pessoas que passaram por experiências traumáticas tais como guerra e fome, o que Thompson (1978) chamaria “memórias dolorosas”.

Assim, foram realizadas entrevistas sem duração pré-determinada, com um roteiro temático, deixando que os sujeitos falassem durante o tempo que quisessem e com as disgressões que achassem importantes.

OS RESULTADOS DA PESQUISA

Os entrevistados -designados por pseudônimos, de forma a preservar as identidades, conforme é praxe nos estudos de antropologia- manifestaram que tinham pensado em algum momento retornar a Alemanha e, de fato, alguns deles retornaram por temporadas, mas todos eles preferiram morar em Blumenau ou região pela forma em que as relações sociais acontecem.

Que aspectos contribuíram para a permanência? Qual foi o fiel da balança? A resposta pode ser resumida em: a acolhida das pessoas, a forma “mais humana” de ser e de tratar, a flexibilidade (a pesar da informalidade), a possibilidade de poder ter acesso a bens e serviços que seria difícil ter na Alemanha.

De acordo com S. Klaus no Brasil se um amigo chega, deixa-se de fazer qualquer coisa para atendê-lo. Convida-se o mesmo para vir na casa. Há um relacionamento mais cálido entre as pessoas. S. Klaus sente-se alemão, adora seu país, mas “para passear”. Fica triste quando vê que os amigos lá continuam a sua vida normal quando ele os visita, que eles colocam sempre em primeiro lugar o trabalho e as obrigações, embora felizes de ouvir sua voz ao telefone e de que ele esteja lá.

Dona Erika conta que, quando chegou ao Brasil, ainda criança, foi muito bem acolhida dentro da comunidade étnica alemã que já estava estabelecida em Blumenau. No entanto, na escola precisou “defender-se a tapas” porque os outros alunos puxavam as suas tranças e a insultavam por sua condição de “alemão”. Teve a intenção de retornar a Alemanha quando adulta, jovem e não foi possível porque sua mãe não queria voltar. Anos depois, quando ela passou dos sessenta anos, entendeu por que a mãe não queria voltar. Ficou oito meses em diversas cidades da Alemanha, visitando parentes, fez

amigos, fez passeios. Mas percebeu nesta viagem as vantagens de morar no Brasil, a forma em que as pessoas se tratam e a valorização dos mais velhos. Ficou muito triste em ver que os tios precisaram ir morar com a filha porque teriam que vender a casa se quiser pagar um ancianato; ficou chocada com a resignação com que as pessoas mais velhas cedem lugar aos jovens, inclusive no transporte público, numa inversão do que ela vê no Brasil e que lhe da segurança.

Henrich não tinha a intenção de morar em Blumenau, veio para tocar numa Oktoberfest (festa anual que se realiza em Blumenau, todo mês de outubro nos moldes da tradicional Oktoberfest de Munique, para a qual são convidadas bandas da Alemanha) e detestou a cidade porque choveu durante as três semanas que durou a sua permanência. No entanto retornou no ano seguinte e nesta segunda visita a cidade o cativou, entre outras coisas porque sentiu que os teuto-brasileiros queriam ter contato com ele, em função da sua condição de “alemão da Alemanha”. Anos depois casou com uma blumenauense e na atualidade diz que tem tantos amigos que precisa recusar convites porque “não se pode festejar o tempo inteiro”.

S. Franz veio como turista várias vezes até instalar-se “por tempo indeterminado” como ele diz. Declara que na Alemanha as coisas funcionam melhor, mas que o Brasil permite “realizar um projeto de vida”.

S. Rolf é dono de uma empresa que começou em São Paulo em finais da década de 1970. Ele considera que encontrou condições que somente no Brasil encontraria mas não era sua intenção, inicialmente, migrar. A decisão de ficar na região de Blumenau deveu-se exclusivamente à hospitalidade e aos “braços abertos” com que foi recebido.

Quem sabe o relato mais revelador de essa forma de ser das pessoas que contribui com a decisão de ficar seja o de Sigfried. Jovem, veio visitar a namorada, que tinha conhecido em Köln brasileira filha de alemães que tinha ido lá para estudar. Ela voltara para Blumenau e Sigfried comprou uma passagem aérea muito barata de uma companhia aérea que não mais existe. Por uma série de inconvenientes e imprevistos típicos dessas viagens promocionais com escala em vários países, atrasos e confusões em outros, foi parar no Rio de Janeiro sem mais dinheiro para comprar uma passagem para Blumenau. Uma senhora a quem ele tinha ajudado no aeroporto na Alemanha se solidarizou com a sua situação e o trouxe até Blumenau, parte em avião, parte em ôni-

bus. Esta senhora acabou sendo madrinha do seu casamento, pois como diz o entrevistado “sem ela não teria havido casamento, eu não chegaria a Blumenau”

Pode-se dizer que, neste caso, o Sigfried viveu uma situação singular de reciprocidade no seu primeiro contato com o Brasil. No entanto quando questionado sobre a hospitalidade não se refere a este fato para justificar a sua escolha pela permanência. Para ele o mais importante é poder ter uma casa “no meio do mato”, coisa que jamais conseguiria, diz ele, ter na Alemanha, tanto pelo preço quanto pelo rigor das leis de uso do solo.

O que isto tem a ver com hospitalidade? Tomando como conceito apenas no “bem receber”, nada. Mas tomando como conceito o de propiciar qualidade de vida, tudo.

Os imigrantes mais velhos que chegaram logo após a guerra, ao mesmo tempo em que foram recepcionados de forma hospitaleira por seus grupos de contato, foram objeto de hostilidade na escola e na rua pelo preconceito reinante na época que os identificava com o nazismo. De um lado nós vemos que os alemães entrevistados foram vítimas de preconceito, até o ponto de ter de se defender “a tapas”, conforme declara D. Erica. Outro dos entrevistados, S. Klaus, quando chega ao Brasil é apelidado de Hitler.

D. Karla declara que tinha medo de contar que era alemã e que logo que aprendeu a falar português passou a falar exclusivamente este idioma fora de casa e inclusive com a irmã. Mas mostra a matéria publicada pelo Diário de Pernambuco sobre a passagem do barco em que ela estava, pelo porto de Recife, e apesar de que tinha apenas seis anos, guarda ainda a imagem do povo no cais recepcionando o barco com cestas de frutas e comida. Um povo que não os conhecia, mas que sabia que neste cargueiro vinham pessoas famintas que tinham passado por uma guerra. Lembra que a sua mãe lhe contava que as pessoas queriam até adotar as crianças que estavam a bordo.

A ambigüidade na recepção vem de encontro às observações de Baker (2010) sobre a dialética da hospitalidade; algo assim como a conveniência da mesma. Quando o forasteiro é útil de alguma forma (seja porque acolhê-lo outorga prestígio ou porque é o politicamente correto ou porque se precisam seus braços para trabalhar ou seu cérebro para pensar) é bem acolhido. Quando incomoda de alguma forma, é hostilizado. Ou,

como diz Edgar Morin, é o bode expiatório a quem se atribuem todos os problemas. É no estrangeiro que “projetamos nossos temores do desconhecido e do estranho” (MORIN, 1995, p.176)

No entanto, os entrevistados restam importância a estes fatos. S. Klaus diz que o chamavam de Hitler “mas numa boa” acha que era uma simples brincadeira e diz ter optado pelo Brasil em função das relações humanas serem mais cálidas; que adora Alemanha, mas de longe.

D. Erica também ri agora quando se lembra dos meninos puxando suas tranças; deixa em segundo plano estes inconvenientes em função de um estilo de vida, de uma “ambiência” na qual sente que as relações são “mais humanas” e isto, após retornar a Alemanha para experimentar a possibilidade de “retorno” (que seria, mais precisamente uma nova imigração).

Um dado muito interessante é que, de um lado, essa “forma brasileira de ser” é apresentada em alguns momentos como inconveniente, mas logo depois, em um inconveniente menor que traz em si a própria solução. Sigfried, por exemplo, dono de uma empresa, sofre com a informalidade dos prestadores de serviços, no entanto reconhece a flexibilidade e a boa vontade que fazem com que, “no fim tudo de certo”.

Outro dado interessante é que quando os informantes se referiram a alguma dificuldade, a mais citada foi a burocracia, o excesso de exigências nas alfândegas e nos órgãos responsáveis pela imigração. Por exemplo, Henrich diz que seu visto para residência no Brasil vai custar entre uma coisa e outra, mais de 800 dólares, enquanto que a esposa dele, brasileira, terá na Alemanha o visto outorgado de graça. Sigfried levou seis meses para retirar do porto um container com a mudança. O estado aparece como o setor menos hospitaleiro.

Somem-se a estes casos apresentados, duzentos e noventa e três aposentados, registrados no Consulado até o dia 16 de junho de 2010, que optaram por viver no Brasil devido às condições que o local lhes oferecia em termos de qualidade de vida, como apontado anteriormente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando como premissa que a hospitalidade é um conceito amplo que abrange tanto formas tradicionais (não comerciais), quanto formas comerciais, pode-se dizer que houve no caso estudado, uma situação dialógica ou dialética.

De um lado, uma boa acolhida do sistema sócio-econômico que lhes permitiu trabalhar, ganhar o sustento e até amealhar bens. Concomitantemente, no aspecto sócio cultural alguns sofreram, em determinado momento, discriminação por sua condição de estrangeiros estigmatizados por uma determinada ideologia com a qual eram automaticamente identificados pelos locais, com ou sem fundamento. No entanto, com o passar do tempo, os aspectos positivos da acolhida prevaleceram e até coisas que, inicialmente pareciam negativas, foram superadas pelo que eles sintetizam como o “a forma mais humana de ser”.

Outras pessoas não sofreram discriminação, mas tiveram outro tipo de problemas tais como travas burocráticas que lhes incomodaram quando chegaram e ainda lhes incomodam. No entanto, isso é superado também pelos aspectos positivos da acolhida, poder ter uma casa no campo, ter tantos amigos que a semana não tem noites suficientes para encontrá-los.

Em sociedades urbanas ocidentais, onde as estruturas familiares cada vez menos contribuem para conter as pessoas, um lugar que lhes permite sentir-se acolhidos, aceitos, bem sucedidos, com segurança para enfrentar o porvir, com a possibilidade de pagar serviços que lhes permitam sentir-se bem, é considerado por eles a melhor escolha.

O estudo também permitiu confirmar que cada pessoa tem a sua representação dos fatos e um conceito diferente de hospitalidade, e que cada pessoa valoriza diferentes aspectos o que leva a sugerir mais estudos de hospitalidade por parte da psicologia social.

No aspecto metodológico, a experiência do trabalho reforça a importância da proximidade do pesquisador com o pesquisado, que faz uma grande diferença na hospitalidade do segundo para com o primeiro.

REFERÊNCIAS

ATHIAS, Renato (2000) Hierarquização e Fragmentação Análise das Relações Interétnicas no Rio Negro. Trabalho apresentado no GT Etnologia indígena. *Encontro Anual da ANPOCS*, Petrópolis, 23 a 27 de outubro.

BAKER, Gideon (2010) The “double law” of hospitality. Rethinking Cosmopolitan ethics in Humanitarian Intervention. *International Relations*, 2010, Vol. 24, n. 1. p. 87-103

BARRETTO, Margarita (1998) *El mate, su historia y su cultura*. Buenos Aires: Ediciones del Sol/Colihue. 140p.

BARRETTO, Margarita (2000) Discusiones sobre el extrañamiento en la Investigación socio-antropológica. *Cuadernos de Epistemología de la Ciencias Sociales*: “El otro etnográfico: Problemas y nuevas aproximaciones”, Universidad de Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras, n. 6, Julio de 2000.

BARRETTO, Margarita (2003) La delicada tarea de planificar turismo cultural: Un estudio de caso con la “germanidad” de la ciudad de Blumenau (SC). *Pasos Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*. Vol. 1, n. 1, pp. 51-63. Disponível em <http://www.pasosonline.org/Publicados/1103/PS050103.pdf>

BARRETTO, Margarita (2005) Turismo étnico y tradiciones inventadas. In: Santana T, Agustin; Prats Cnals, Llorenç. *El encuentro del turismo con el patrmionio cultural*> concepciones teóricas y modelos de aplicación. Sevilla: Federación de Asociaciones de Antropología del Estado Español/Fundación El Monte/Asana

BERTAUX, Daniel (1980) L’approche biographique: sa validité méthodologique, se potentialités, *Cahiers Internationaux de Sociologie*, Vol. LXIX, Nouvelle Série, Vingt Septième Année, Paris, PUF, Juillet Décembre, 197 225

CAILLÉ, Allain (2002) *Antropologia do dom*. O terceiro Paradigma. Petrópolis:Vozes

CRYSTAL, Eric (1989) Tourism in Toraja (Sulawesi, Indonesia). In: SMINTH, Valene (org.) *Hosts and Guests*. The anthropology of tourism. Philadelphia:University of Pennsylvania Press. 341p.

DIAS, Célia M. (1990) *Home away from home*. Evolução, caracterização e perspectivas da htelaria: um estudo compreensivo. Dissertação. Mestrado em RP, Comunicações e Turismo, USP. 212 p.

DUSSEL, Enrique (2009) *La dinámica del contacto*. Movilidad, encuentro y conflicto en las relaciones interculturales www.cidob.org

FARRIER, David (2008) Terms of Hospitality. Abdulrazak Gurnah's by the sea. *The journal of Commonwealth Literature*. Vol. 43(3), pp. 121-139. London: Sage

FRANÇA Filho, Genauto C; DZMIRA, Sylvain (2004) Dádiva e Economia Solidária. In: MARTINS, Paulo H ; NUNES, Brasilmar F (org). *A nova ordem social*. Perspectivas da solidariedade contemporânea. Brasília: Paralelo 15.

GRINOVER, Lucio (2002) Hospitalidade: um tema a ser reestudado e pesquisado. In: *Hospitalidade Reflexões e Perspectivas*. DIAS, Célia M. M. (org). Barueri-SP: Manole, 164 p.

GOUDBOUT, Jacques T (1999) *O espírito da dádiva*. Rio de Janeiro: FGV, 272p.

GWION GWION *Secret and Sacred Pathways of the Ngarinyin aboriginal people of Australia* (2000) Köhln: Könnemann Verlagsgesellschaft

HENNIGH, Lawrence (1970) Functions and limitations of Alaskan wife trading. *Arctic*, n. 23, n. 1, March. Calgary: Artic Institute of North America

HOMERO (1946) *Obras completas*. Buenos Aires: Joaquin Gil Ed. 832 p.

JAMUR, Marilena (2008) Hospitalidade, alteridade e exclusão social. In: BUENO, Marielys S. (org) *Hospitalidade no jogo das relações sociais*. São Paulo: Ed. Vieira

KANT, Emmanuel (1958) *Vers la paix perpétuelle*, Paris, PUF, Essai philosophique.

KERR, Julie (2007) Weocome the coming and speed the parting guest. *Journal of Medieval History*, 33, pp. 130-146.

LEWIS, Oscar (1985) *Antropología de la pobreza: cinco familias*. México: Fondo de Cultura económico, 302 p.

MAUSS, Marcel (2003) *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosas & Naify, 536 p.

MINTZ, Sidney (1984) Encontrando Taso, me Descobrimo, *Dados, Revista de Ciências Sociais*, vol 27, No. 1, Instituto Universitário de Pesquisas, Rio de Janeiro.

MORIN, Edgar (1995) *Terra- Pátria*. Porto Alegre:Sulina

NAKAYAMA, Lia D. de; MARIONI, Susana G. (2007) Migración por opción: el fenómeno migratorio en destinos turísticos de montaña. *RBTur*, Vol 1, n. 2, pp. 101-136.

Disponível em <http://www.revistas.univerciencia.org/turismo/index.php/rbtur/article/view/88/87>

NANCY, Michel. *De las historias y relatos de vida a las prácticas antropológicas; individuos, minorías y migrantes*, Estudios Migratorios Latinoamericanos, Año 8, No. 24, 1993, 205 232.

QUEIROZ, M.I. (1988) Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON (org.) *Experimentos com Histórias de Vida: Itália-Brasil*. São Paulo: Vértice.

RAPOPORT, Beonoît (2004) Why do african households give hospitality to relatives? *Review of Economics of the Household* 2, p. 179-202. The Neederlands:Kluwer Academic Publishers

TE MANUWIRI. (1907) *Sketches of early Colonisation in New Zealand and its Phases of contact with the Maori race*. Victoria: Whitecomb & Tombs Ltd

THIOLLENT, Michel (1992) *Metodologia da pesquisa-acao*. 5. ed. Sao Paulo: Cortez: Autores Associados, 108p.

THOMPSON, Paul.- *The voice of the past. Oral history*, Oxford University Press, Oxford, 1978.

ZELDIN, Theodore (1996) *Uma história íntima da humanidade*. Rio de Janeiro: Record

Outras fontes: Consulado de Alemanha em Blumenau. Correspondência eletrônica. 8.2.254.0; Wed, 16 Jun 2010 11:19:37 -0300

Received: from MICRO01 (201.86.82.190) by srvbnu101.addmakler.com.br

(192.168.0.11) with Microsoft SMTP Server id 8.2.254.0; Wed, 16 Jun 2010

11:21:04 -0300

From: "Anegrid R. Dressler" <ane@hkblumenau.com.br>

To: "'Margarita Barretto'" <barretto.margarita@gmail.com>

Subject: RES: Consulta

Date: Wed, 16 Jun 2010 11:19:56 -0300

MIME-Version: 1.0

Artigo recebido em 12 de fevereiro de 2010

Aprovado para publicação em 28 de abril de 2010